



## COMUNIDADE DE MORCEGOS DE UM REMANESCENTE FLORESTAL DE ÁREA URBANA, VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL.

A.S. Tahara<sup>1</sup>; J.C. Rovida<sup>2</sup>; R.P.M. Campello<sup>2</sup>; M. Scabello<sup>3</sup>; Prof. MSc. R.L. Martins<sup>2</sup>; Prof. Dr.

A.D. Ditchfield<sup>3</sup>

1- Universidade Federal de Lavras - Departamento de Biologia, setsuotahara@gmail.com; 2- FAESA - Campus II - Ciências Biológicas; 3- Universidade Federal do Espírito Santo - CCHN - Departamento de Biologia.

### INTRODUÇÃO

O Estado do Espírito Santo possuía cerca de 85% de seu território coberto por floresta ombrófila densa, mas a partir do século XV a floresta foi reduzida a pequenos fragmentos que representam que hoje apenas 9% de sua área original (Fundação SOS Mata Atlântica *et al.*, 1998). Dentre os remanescentes, inclui-se o Parque Estadual da Fonte Grande (PEFG), criado para proteger um dos últimos resquícios de Mata Atlântica do município de Vitória, e que, devido à posição geográfica, se configura em um fragmento florestal urbano de 218 hectares que inclui as áreas de maior altitude da Ilha de Vitória (varia de zero a 300m). Dentro do PEFG encontram-se regiões com diferentes composições de vegetação, em vários estados de sucessão. Este trabalho teve como objetivo comparar a fauna de quirópteros de diferentes tipos de área e possível preferência de hábitat de algumas espécies mais abundantes.

### MATERIAL E MÉTODOS

A coleta de dados foi conduzida durante 31 noites de amostragem em oito pontos equidistantes, aproximadamente, 330 metros (exceto um a 1300 metros do ponto mais próximo), e contemplando diferentes ambientes como: (1) mata, (2) pasto, (3) borda de mata, (4) área urbana. Esses ambientes foram separados em áreas fechadas (Trilhas do Sumaré, Caracol, Mata-pau e a Caverna do morcego) e áreas abertas (Faesa, Pasto, Brejo, Fruteira). Foi considerada somente a ocorrência da espécie na comparação das áreas, por meio do cálculo da percentagem de desacordo. Também foram consideradas as frequências absolutas e relativas, das espécies: *Artibeus lituratus*, *Carollia perspicillata*, *Glossophaga soricina* e *Platyrrhinus lineatus* em áreas abertas e fechadas, por análise de variância (ANOVA). Para avaliação de preferência de habitat das espécies relacionadas

foram comparadas 18 coletas (repetições), nove em áreas fechadas e nove em áreas abertas.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos pontos de amostragem de área fechada há uma maior diversidade de espécies incluindo espécies de ocorrência restrita a matas, como: *Lonchorhina aurita*, *Micronycteris megalotis*, *Peropteryx sp.*, *Pygoderma bilabiatum* e *Uroderma sp.*. De acordo com a percentagem de desacordo, o Pasto, o Brejo e a Fruteira foram os pontos que apresentaram comunidades de morcegos mais semelhantes (percentagem de desacordo = 0,18). O ponto da Faesa se destacou dos demais de área aberta, o que pode ser relacionado ao forte componente antrópico, que inclui a presença de prédios e iluminação artificial. Os pontos de amostragem da Trilha do caracol e da Trilha do Mata-pau também formaram um subgrupo bem definido, porém mais parecido com as áreas abertas do que com as áreas da Trilha do Sumaré e Caverna dos morcegos, que se destacaram dos demais (percentagem de desacordo = 0,65). Quando analisada a preferência de ambiente aberto e fechado não foram encontrados resultados significativos para *A. lituratus*, *C. perspicillata* e *G. soricina*, enquanto *P. lineatus* apresentou maior ocorrência na área aberta, do que na área fechada ( $F = 6,9493$ ;  $p = 0,02172$ ). Este resultado se assemelha ao encontrado por Esbérard & Bergallo (2002) que compararam a ocorrência de 43 espécies em áreas: urbanas, residenciais, borda de mata e interior de mata. Estes autores verificaram que *P. lineatus* tem maior ocorrência em área urbana e residencial. A ocorrência de uma maior frequência de *G. soricina* em áreas fechadas difere de resultados anteriores que sugerem que este morcego está mais associado a áreas alteradas (Esbérard & Bergallo, 2002). *A. lituratus* esteve presente em ambas as áreas sem diferença, tendo uma frequência sempre superior às demais espécies. A alta frequência de *G. soricina* e *A. lituratus* sugere

que, apesar do papel dos fragmentos florestais na manutenção de espécies e como “step stones”, esses fragmentos não mantêm a estrutura de comunidades naturais de morcegos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**Esberárd, C.E.L. & Bergallo, H. G.** 2002.

Comunidades de morcegos em um fragmento florestal em uma área urbana no sudeste do Brasil. Painel apresentado no IV Encontro Brasileiro de Estudantes de Quirópteros.

**Fundação SOS Mata Atlântica, Instituto**

**Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE),**

**Instituto Socioambiental (ISA).** 1998. Atlas

da Evolução dos Remanescentes Florestais e

Ecosistemas Associados no Domínio da Mata

Atlântica no Período 1990-1995. São Paulo. 29

p.